

**Futebol, família, nação e memória:
O segundo tempo, de Michel Laub**

***Football, family, nation, memory:
Michel Laub's O segundo tempo***

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia / Brasil

pedroauad@gmail.com

Resumo: Este artigo é um estudo da obra *O segundo tempo*, de Michel Laub. A partir de considerações de Marcelino Rodrigues da Silva, o estudo se centra em três esferas que constantemente aparecem em obras que têm o futebol como tema: o futebol, a família e a nação. Além desses, como é própria das obras de Laub, soma-se a problematização da memória e do trauma. A partir disso, considera-se pensar no futebol como uma espécie de *próximos*, conceito de Paul Ricoeur.

Palavras-chave: futebol; *O segundo tempo*; memória; nação.

Abstract: This article is a study of Michel Laub's *O Segundo Tempo (Second Half)*. Based on Marcelino Rodrigues da Silva considerations, the study focuses on three recurrent images in works that have football as theme: football, family, and nation. Besides these three instances, as is characteristic of works by Laub, the problematic of memory and trauma is also considered. That being said, it is possible to regard football in accordance with Paul Ricoeur's concept of *close relations*.

Keywords: football; *O segundo tempo*; memory; nation.

Recebido em: 31 de agosto de 2016.

Aprovado em: 2 de janeiro de 2017.

Marcelino Rodrigues da Silva, em texto intitulado “Desafinando a metáfora da nação”, afirma que o futebol é frequentemente utilizado como uma espécie de metáfora para outros aspectos da vida, já que

diante dos limites e armadilhas da representação, a metáfora – com sua dispersão de sentido e sua abertura interpretativa, propiciadas pela base analógica que a sustenta – pode ser um conceito operatório de grande utilidade na tentativa de captar de modo menos simplista os mecanismos pelos quais se produz a multiplicidade semântica do futebol, potencializada pelos inúmeros contextos históricos e socioculturais em que ele se difundiu ao longo do último século.¹

O autor do texto vai, a partir da noção de metáfora, fazer uma aproximação entre dois filmes: *O milagre de Berna* (2003), dirigido pelo alemão Sönke Wortman, e *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), do brasileiro Cao Hamburger.

O futebol aqui aparece como metáfora que une três eixos: o destino da seleção nacional de futebol, o destino da família do protagonista e, por fim, o da própria nação. No que se distinguem os dois filmes em relação a esses três eixos (a metáfora da nação reconciliada do filme alemão² e a “metáfora dissonante” do brasileiro), o que busco no texto de Marcelino Rodrigues da Silva é essa sobreposição de planos – futebol, família, nação – como construção metafórica da representação *a partir do* futebol. É interessante notar como esses três círculos fazem parte da construção da identidade, em diâmetros maiores (nação) ou menores (família).

Esses três eixos têm sido explorados em obras recentes com alguma regularidade, como é o caso do espetáculo *Princípios transgredíveis para amores precários* (2016), do dramaturgo Thales Paradela e dirigido por Cida Falabella, em que, como no filme de Cao Hamburger, o futebol escancara uma espécie de falta de sintonia do trauma da nação em relação aos exilados do período ditatorial. Esse também vai ser o caso do livro de que aqui proponho uma leitura, *O segundo tempo*, de Michel Laub. O acréscimo que proponho aqui à leitura que Silva fez dos filmes

¹ SILVA. Desafinando a metáfora da nação, p. 265.

² Cornelsen, em “Imagem e memória em torno de futebol e política no cinema”, vai demonstrar que essa unificação da nação, presumida no filme alemão, não é totalizante ou tão harmoniosa assim.

supracitados é que além desses três eixos há outro que vai se tornar de suma importância: a memória.

Esse acréscimo se dá até mesmo pelo não paralelismo que é possível presumir entre o filme alemão e o brasileiro: enquanto aquele fala de um período de pacificação e de perdão, o segundo se estabelece em um período de fissuras e traumas. Adiantando um pouco a argumentação, aponto que o futebol é responsável, no Brasil, não só por nos balizar enquanto uma espécie de “pacto nacional”, mas também funciona como uma forma de identificar e expor nossos traumas. É nesse sentido que proponho o futebol como um *próximo*, conceito de Paul Ricoeur, que se coloca como um intermediário entre a memória coletiva e a memória individual, como retomarei ao final do texto.

Judith Butler, em conversa com Gayatri Chakravorty Spivak, ao pensar no hino mexicano quando cantado nos Estados Unidos da América, destaca as palavras *somos iguales*. Ela se pergunta se esse ato discursivo – “que não apenas declara de forma audaz a igualdade do nós mas também demanda uma tradução para ser entendido – não instala a tarefa da tradução no coração da nação”.³ E, prossegue ela, “um certo distanciamento ou fissura se torna a condição da possibilidade de igualdade, o que significa que a igualdade não é uma questão de prolongamento ou argumentação da homogeneidade da nação”.⁴ Butler pondera que algumas vezes se torna necessária uma espécie de tradução para que se entenda a própria nação ou construção nacional e que a igualdade dentro dessa própria nação só seria possível com algum grau de fissura e não como uma homogeneização. De certa forma, o que Butler argumenta é que o mito da nação, no mundo contemporâneo, só poderia funcionar através de uma espécie de tradução (ou trabalho de tradução) a partir de uma “metáfora dissonante” que exporia as contradições e as fissuras da nação.

O futebol brasileiro, como dito, parece não só funcionar como unificador nacional, isto é, a camisa que todos vestimos, como também é representativo de nossos traumas. São bastante clássicas as nossas constatações de períodos traumáticos para a nação de que podemos fazer uma espécie de paralelismo com o futebol. A Copa de 1950 e a derrota da seleção no Maracanã para o Uruguai no final do campeonato talvez

³ BUTLER; SPIVAK. *Who sings the Nation-State?* Language, politics, belongings, p. 61.

⁴ BUTLER; SPIVAK. *Who sings the Nation-State?* Language, politics, belongings, p. 61.

seja o mais clássico; mas a recente derrota para a Alemanha, em outra Copa no país, em Belo Horizonte, por sete a um, parece já fazer parte do nosso cardápio de traumas. À última derrota, soma-se o período de turbulência política que atravessa o país desde pelo menos 2013. Nesse sentido, Marcelino Rodrigues da Silva é muito feliz ao afirmar, em outro texto, que essa derrota abriu espaço para “renegociarmos a imagem que fazemos de nós mesmos, no futebol e em outros campos”.⁵ Mas é importante frisar que essa renegociação está ainda em processo e a ideia de nosso futebol e de nossa própria nação ainda está em aberto. Retomo esse ponto ao final do texto.

A narrativa *O segundo tempo* não é um texto que irá focar na seleção brasileira de futebol, mas no clássico gaúcho, mais especificamente, no que se convencionou chamar de o “Gre-Nal do século”. O período traumático da nação não será a ditadura, período de cicatrizes não fechadas e que ainda é disputado por heranças, no sentido que Jacques Derrida dá ao termo,⁶ mas remonta ao período exatamente pós-ditadura, do governo Sarney, em que a implementação da democracia e do governo civil não é como sonhada por grande parte da população. Mas também não é por essas escolhas que o livro não irá ser uma espécie de “metáfora dissonante” do futebol, do trauma, da memória, da família e da nação.

Um coming of age

O segundo tempo, de Michel Laub, como aponta Maria Zilda Ferreira Cury, instaura algumas das preocupações centrais do autor porto-alegrense,

cujo discurso, fiapos de lembranças que buscam reconstruir o passado, só o faz como possibilidade de fugir à consciência trágica do presente, num deslocamento “para dentro”, para o mundo interior de seus narradores, num voltar-se para um espaço de subjetivação. Narrativas que se apresentam deslocadas, como “memórias performáticas” que fazem convergir no espaço da ficção a experiência e o passado, muitas vezes o tempo da infância – tempo em

⁵ SILVA. O que foi feito do país do futebol?, p. 288.

⁶ Cf. DERRIDA. *Espectros de Marx*.

que melhor se evidencia a linguagem como fenômeno humano –, e podem ser vistas como “locais de linguagem” e de exclusivo reconhecimento identitário.⁷

De fato, o livro supracitado pode ser descrito como um discurso da lembrança para se tratar de um momento-chave na vida do narrador, cuja separação dos pais é anunciada às vésperas do “Gre-Nal do século”. O momento traumático é acentuado, ainda, por ser ele, o narrador, o responsável por dar a notícia para o irmão mais novo, gremista, aficionado por futebol, que estava alheio à situação. Pode-se afirmar, assim, que a ancoragem do romance é na memória individual, mas que dialoga, como será visto, constantemente com uma memória coletiva.

O livro, relembrando momentos da pré-adolescência até a passagem para a vida adulta, poderia se apresentar como uma espécie de romance de formação (o *Bildungsroman*), mas deixaria escapar muitas das características essenciais do gênero e não é mesmo um romance de *formação*, mas de *passagem*. Nesse sentido, *O segundo tempo* se aproxima muito mais de um gênero cinematográfico que se tornou bastante popular na década de 1980 – década em que se passa o narrado –, o *coming of age*, cujos exemplos notáveis são os filmes *O clube dos 5* (1985) e *Curtindo a vida adoidado* (1986), ambos dirigidos por John Hughes. Neles o drama e a comédia se misturavam, chegando a tempos mais atuais com um tom muito mais melancólico, como é possível perceber igualmente em filmes como *As vantagens de ser invisível* (2012), de Stephen Chbosky, ou *George Washington* (2000), de David Gordon Green. O *coming of age* em geral se centra em algum acontecimento-chave na vida do protagonista, em que se daria a passagem para a vida adulta, trazendo transformações em sua personalidade, visão política ou sexual.

Esse momento-chave na vida do narrador de *O segundo tempo* se dá, como dito, no momento da separação dos genitores. O pai estava com uma amante e a mãe, sofrendo de profunda depressão. Na incumbência de anunciar isso para o seu irmão mais novo, tendo como enclave o jogo da semifinal do Campeonato Brasileiro de 1988 (o jogo foi no dia 12 de fevereiro de 1989), em que o Internacional ganha do Grêmio por dois a um, de virada, com um jogador a menos desde o primeiro tempo, o narrador retoma períodos que antecedem e postergam o da separação

⁷ CURY. Novas geografias narrativas, p. 13.

propriamente dita. É interessante notar que esse momento-chave, de extrema desilusão, da separação dos pais acontece simultaneamente ao desencanto que o jovem passa a ter em relação ao futebol. Isso já é anunciado logo na primeira frase do livro: “Hoje o futebol está morto, e duvido que alguém ainda chore por ele, mas não era assim no dia 12 de fevereiro de 1989”.⁸ Ao fim e ao cabo, parece haver uma sensação com o que Pasolini denominou também de “futebol de poesia”. “Na era do futebol como espetáculo globalizado, midiático e transformado em mercadoria, parece não haver mais espaço para o ‘futebol de poesia’ categorizado por Pasolini”, diz Cornelsen.⁹

Sendo a narrativa um momento de *coming of age* é interessante notar que os três eixos citados por Marcelino, futebol, família e nação, vão estar entrecruzados em um momento de perda da inocência e todo o livro é construído a partir da encenação da memória daqueles dias. Na visão do narrador, o futebol não estaria morto simplesmente porque ele não poderia se reerguer diante da derrota do Grêmio para o Internacional, mas porque o futebol já não era ou já não poderia ser o que um dia havia sido. É bastante notória a nostalgia que se registra a respeito de um “antigo futebol” da “inocência”, substituído por um jogo modernizado que avançaria em questões relativas à organização tática, mas ao mesmo tempo falsificaria certa “autenticidade”.

Existe um filme Húngaro bastante significativo a respeito: *Régi idök focija*, de 1973, dirigido por Pál Sándor (em inglês foi traduzido como *Football of the good old days*, algo como “Futebol dos bons e velhos tempos”). Nele, o saudoso futebol ainda apresenta uma boa dose de amadorismo e paixão que se encarregaria de dar um certo grau de verdade ou mesmo validade para o desporto. Não se tratava de dinheiro, nem de estrelas e de fama, mas de defender certa ideia, concepção de mundo ou mesmo ideologia, ou seja, o próprio futebol. É assim que o futebol amador, no filme, apela para que seu grande goleiro não se profissionalize, já que isso seria a “morte” de um futebol mais “autêntico”. É notório, por exemplo, como o discurso produzido em relação ao futebol brasileiro é carregado dessa nostalgia de uma “autenticidade”, principalmente quando

⁸ LAUB. *O segundo tempo*, p. 11.

⁹ CORNELSEN. A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, p. 194.

se trata dos jogadores que jogavam “pelo amor à camisa”, ou em relação a clubes que representavam, de fato, algum segmento da sociedade:

Falarmos de “futebol de poesia”, hoje em dia, parece implicar necessariamente um “olhar nostálgico”. Todavia, parece-nos que não é por acaso o fato do declínio da “arte” no futebol ter se desenvolvido sobretudo a partir da exploração mercadológica do esporte, tornando-o mais uma “mercadoria”.¹⁰

Nesse sentido, a partir do olhar de Pasolini, pode-se dizer de uma certa semelhança entre a nostalgia do “futebol de poesia”, um futebol de “antes” e a desilusão com o futebol “atual”, tal qual acontece no livro de Laub.

Em *O segundo tempo*, isto está presente também como uma espécie de clivagem que une tanto o pai ao protagonista quanto este ao irmão mais novo. O pai, que seria o inaugurador do sentimento futebolístico do filho, aos poucos também vai perdendo o encanto pelo esporte, assim como aconteceu com o protagonista:

À medida que eu me familiarizava com as tradições do estado, um goleiro que aceitava suborno, um cego que fazia cálculos sobre posições de clubes na tabela, um treinador que sacava o revólver em restaurantes de frutos do mar, o interesse dele foi diminuindo. Em 1989 ainda era possível que o ponteiro esquerdo do Inter, Edu, reforçasse o orçamento nas férias trabalhando num táxi em Salvador. Mesmo assim o pai já havia desanimado: o futebol ensaiava o que viraria em breve, em qualquer esquina se sabia dos empresários, das cotas das emissoras de TV, dos julgamentos sobre exames antidoping. Era a desculpa para ele criar raízes no sofá e só levantar para suas longas viagens.¹¹

Para o narrador o futebol perdera a magia já antes do “Gre-Nal do século”, quando do anúncio, pelo pai, da separação; mas o futebol ainda seria tudo para o irmão Bruno e aquele jogo era a própria vida

¹⁰ CORNELSEN. A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, p. 196-197.

¹¹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 15.

dele. Chamo a atenção, nessa clivagem, para a nostalgia de um futebol e, mais especificamente, de um tipo de futebol brasileiro, no livro, não é algo como simplesmente dado, mas algo geracional, em que a passagem da juventude para a vida adulta passa, inclusive, pela desilusão ou perda de inocência em relação ao esporte.

A passagem para a própria modernidade do futebol aqui pode ser vista como uma certa tônica do futebol brasileiro e, daí, da própria nação, cindida entre o impulso modernizante e a nostalgia perdida. Diversos autores, a exemplo de Marcelino Rodrigues da Silva e José Miguel Wisnik, indicam esse tipo de impulso que tenta “modernizar” o futebol – aliás, em toda crise do futebol brasileiro esse argumento é utilizado – e que, por outro lado, destrói a nossa ideia muito particular do que seria o futebol. Entre o antigo e o moderno, há uma passagem, a perda da inocência e o desamparo.

A passagem

O protagonista do livro parece perceber que a passagem é um processo e não um momento pontual. Apesar de que muitas vezes tentarmos encontrar o *turning point* de uma passagem, o que acontece é que, como um jogo de futebol, não é somente o gol – seu grande momento – que define uma partida ou que define holisticamente o jogo:

Aliás, nunca falei muito sobre os enganos do Gre-Nal do Século, sobre como eles podem ter influenciado nos rumos daquele domingo, porque em geral as mudanças não são identificadas apenas num momento. É um processo, fica mais fácil acreditar, que começa muito antes e termina muito depois – que perdura ao longo da vida, nunca desaparecendo por completo. Eu poderia dizer que a história do meu pai indo embora começou não em 1989, mas em 1987, ou 1986, ou acho até que em 1985, num dia em que ele me levou ao mercado público no centro de Porto Alegre.¹²

É em 1985 que, pela primeira vez, o narrador conhece Juliana, amante de seu pai e futura madrasta que lhe daria um terceiro irmão. A perda da inocência não é a partir de um episódio estritamente traumático

¹² LAUB. *O segundo tempo*, p. 25-26.

e pontual, mas, justamente, de um processo que vai se construindo desta data até a decisão do pai de se separar da mãe e se mudar para Goiás. José Miguel Wisnik é muito feliz ao afirmar que “o placar descreve e não descreve a partida, é ‘justo’ e ‘injusto’. Ao contrário das artes em geral, a competência pode ser contabilizada porque se traduz em gols. Mas ao contrário dos outros esportes, a contabilização não dá conta do acontecimento”.¹³ Enfim, como num jogo de futebol, em que o gol é um momento, não o acontecimento, a instauração do trauma do passado não é a separação do pai em si, mas os processos que levam a esse momento.

Na distinção que faz entre o luto e a melancolia, Freud coloca que “o luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc.”.¹⁴ O psicanalista austríaco não coloca que o luto é por uma partida intempestiva ou decisiva, mas que pode ser engendrado por uma abstração ou pode estar relacionado a outros fatores que não sejam, simplesmente, vinculados a uma pessoa com quem temos alguma ligação afetiva. Se a perda da inocência em relação ao futebol é bastante clara, para o personagem-narrador também o é o trabalho de elaboração do luto em relação à própria perda do pai e da família enquanto abstração que está em jogo: “eu não podia dizer a Bruno que desconfie do pai desde o início. Não foi só por causa da falência do minimercado, das viagens da companhia de seguros ou porque ele deixou de ir ao estádio, de nos levar uma única noite ao cinema ou a um restaurante”.¹⁵

O luto, entretanto, não está sozinho. O que temos também é um trabalho com o trauma, presença insistente na literatura de Laub. Laura Assis e Karl Erik Schollhammer, ao analisar outro livro do autor, *Diário da queda* (2011), vão insistir nesse mote. Fazendo uma leitura deste livro a partir de um apontamento de Seligmann-Silva a respeito do trauma freudiano, os autores destacam a volta ao evento traumático, o *après-coup* das cenas que desencadearam o processo:

O termo *après-coup* (que tem como possível tradução “depois do golpe”) possui na psicanálise o sentido de ressignificação, ou seja, o tempo de um segundo tempo que dá significado e sentido ao primeiro, exatamente

¹³ WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 111.

¹⁴ FREUD. *Luto e melancolia*, p. 47.

¹⁵ LAUB. *O segundo tempo*, p. 57.

como acontece na narração do protagonista de *Diário da queda*. Esse “segundo tempo” pode ser visto no livro como o momento da enunciação, ou seja, o momento posterior da narração, quando o protagonista reorganiza os eventos em um discurso estruturado pelos desvios da memória.¹⁶

É na reorganização do trauma, através de um esforço de memória, que o narrador dá sentido ao luto. O trabalho do luto, é bom lembrar, acontece quando “a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais”¹⁷ e por isso é necessário um retorno (*o après-coup*), mas em um *segundo tempo* – título do livro –, no qual se dá o retorno à memória e que é também o próprio lugar da tragédia no jogo que acompanhamos.

É no segundo tempo do jogo que o Internacional vira a partida e o drama vivido pelo narrador – de anunciar ao irmão mais novo, Bruno, a separação dos pais – se acentua. O próprio gol do time rival daquele para o qual eles torciam se torna, assim, a instauração traumática:

Eu vi Bruno implodir quando me dei conta de que faltavam apenas vinte minutos, o resto da partida seria disputado por atletas fantasmas, visto por uma plateia de fantasmas, oitenta mil mortos testemunhando o fim de uma semana e de um tempo que não voltariam. Eu nunca mais entraria num estádio ao lado do meu irmão.¹⁸

Tudo aquilo que podia ser

Entre os períodos traumáticos de nosso país, um tem pouco destaque nas produções artísticas, a Era Sarney. Essa fase de profundas contradições sinalizava a abertura democrática, mas ao mesmo tempo colocava como presidente um civil que foi suporte para o regime de exceção que imperou no país por mais de vinte anos. Ao mesmo passo em que se pensava em uma nova constituição, acentuava-se um desastre econômico insinuante desde o fim do governo dos militares, cuja forma de conquista do poder pelos civis foi por eleições indiretas, soterrando

¹⁶ ASSIS; SCHOLLHAMMER. Narrando a queda: temporalidade e trauma em um romance de Michel Laub, p 61.

¹⁷ FREUD. *Luto e melancolia*, p. 49.

¹⁸ LAUB. *O segundo tempo*, p. 87.

o sonho das Diretas Já. Lilia Schwarcz e Heloisa Starling destacam que a Nova República “começou num clima de muita frustração e pouca novidade”.¹⁹ A Constituição de 1988, marco da Nova República e desse governo que, enfim, era presidido por um civil,

também é imperfeita. Envolveu movimentos contraditórios e embates formidáveis entre forças políticas desiguais, e inúmeras vezes errou de alvo. [...] Fruto de seu inevitável enquadramento histórico, nasceu velha em seus capítulos sobre o sistema eleitoral e em sua ânsia de regular as minúcias da vida social. *Mas a Constituição de 1988 é a melhor expressão de que o Brasil tinha um olho no passado e outro no futuro.*²⁰

Destaco na citação acima justamente a percepção de um país cindido entre um passado que não consegue abandonar – mesmo com as cicatrizes deixadas pelo regime de exceção – e por um futuro a que anseia chegar. Como dizia anteriormente, o movimento é semelhante ao do futebol brasileiro, cindido entre a nostalgia de um futebol mais “autêntico” ou “de poesia” e o impulso modernizante para os períodos em crise. Esse movimento, ainda, é semelhante ao da família do narrador do livro, entre o passado traumático e o processo de luto desenvolvido em um *après-coup* da narração, que retoma aqueles momentos.

Apesar de marcas menos destacadas, as agruras do governo Sarney, as crises econômicas da época do Plano Cruzado, e o próprio caos social e político do país estão nas páginas do livro e constituem uma espécie de memória coletiva que não se opõe à memória individual do narrador, à qual, ao contrário, soma-se. A falência do mercadinho familiar, o trabalho como vendedor de seguros do pai, o dinheiro contado para o pagamento das contas da casa e até mesmo a mudança para outra cidade fazem parte desse pano de fundo da narrativa que vai se confundindo com o desmoronamento familiar e com a narração do Gre-Nal. É nesse contexto que se pode falar de um mal-estar que se reflete também nos três círculos – nação, família, futebol – que se entrecruzam no romance: “o mal-estar é uma sensação que se mistura no dia-a-dia, que vai tomando formas inesperadas à medida que você se acostuma a ele. A angústia se

¹⁹ SCHWARCZ; STARLING. *Brasil: uma biografia*, p. 487.

²⁰ SCHWARCZ; STARLING. *Brasil: uma biografia*, p. 488-489, grifos meus.

torna pior do que o fato temido em si, um fato para o qual você passa a criar versões detalhadas, cheias de motivos incongruentes”.²¹

É interessante notar que Laub vai construindo o romance não como alguém que narra paralelamente cada uma das histórias, seja a do jogo em si, seja a da família ou da crise da nação. Na narração do livro esses fatos se sobrepõem como se formassem imagens especulares em todas essas esferas. Nesse sentido, o livro vai se descortinando como a passagem da perda de uma inocência que se dá simultaneamente tanto quanto ao futebol quanto à família e à nação, fazendo com que os fios que ligam pai e filhos e filho e irmão se entrecruzem ao criar essa espécie de olhar duplo: entre o passado que tem de ser enunciado e o futuro que será negado. Esse olhar duplo é, no fim, a instauração de uma crise:

Na quinta-feira, eu já estava convencido de que o Gre-Nal do Século amenizaria a decepção de Bruno comigo. Que cada lance do jogo, e é por isso que os descrevo aqui, como se fosse um narrador barato nas cabines de imprensa, um desses homens que comparam o futebol a uma luta, a uma guerra, a uma vida inteira, seria capaz de amenizar a mágoa dele comigo – a crise que ele enfrentaria no final do jogo, quando já estivéssemos voltando para casa e eu iniciasse a mais difícil das conversas.²²

Utilizo “crise” aqui em um sentido próximo daquele de Husserl, um momento de profunda divisão, em que se abre possibilidades de outros caminhos. É certo que quando o filósofo alemão vai se utilizar desse termo – em *The crisis of European sciences and transcendental phenomenology* –, ele pensa que a crise não é para uma guinada a uma outra Europa, mas uma retomada, digamos, da filosofia europeia como uma categoria universal. Derrida, ao ler Husserl, vai indicar o caráter duvidoso dessa constatação, já que a crise se daria, sobretudo num âmbito europeu.²³ Situo aqui essa interpretação para o termo “crise” por indicar, como visto, que um momento de guinada como possibilidade não necessariamente é em direção a um futuro, mas a um passado e a um futuro. A crise, via Husserl, pressuporia também um futuro que não escapa de um pretérito.

²¹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 61.

²² LAUB. *O segundo tempo*, p. 77.

²³ DERRIDA. *The problem of genesis in Husserl's philosophy*.

A crise, portanto, da questão familiar, perpassa o próprio jogo que acompanhamos e, igualmente, a própria situação da nação. A negociação aqui não é somente para o que seria, mas o que poderia acontecer a partir daquele momento que já foi, que já aconteceu, a negociação de um colapso instaurado por um trauma em processo de luto. O narrador fazia planos sobre como procederia em relação ao irmão – no caso, fugir de casa –, mas o próprio inesperado do jogo, isto é, a derrota do Grêmio, coloca-se como uma mudança de atitude:

Você ainda não entendeu por que o futebol é importante nesta história? Só um jogo como o Gre-Nal do Século seria capaz de deixar Bruno assim. Só um jogo desses me poria diante da reação dele à perda. Era como se o resultado da minha fuga estivesse ali, antecipado na aparência de Bruno diante da tragédia, ele como um fio de pavor e impotência dependente de um gesto meu. Por um segundo você percebe o que significa essa tragédia, a verdadeira dimensão dela, a iminência física de não tolerar viver com ela, e é então que você descobre que existe um limite dentro de você. Chame esse sentimento como quiser, mas é algo que está lá e para mim apareceu aos quinze anos.

[...]

Era como se eu estivesse dando adeus a tudo o que não tivesse a grandeza desse milagre. Como se o entorno do milagre ficasse obscurecido, e não apenas o compromisso inútil do futebol. Não apenas o envolvimento inútil, a dor inútil depois de um jogo como o Gre-Nal do século, o que só aumentava a consciência de tanto desperdício, mas tudo o mais não dissesse respeito a Bruno. Tudo que não fosse tão essencial quanto o que eu sentia pelo meu irmão. O que naquele momento, enquanto iniciávamos a caminhada de volta para casa, eu me dei conta de que ainda era capaz de fazer pelo meu irmão.²⁴

A crise instaurada no romance, por certo, não pressupõe uma saída rumo ao abandono do passado – como o narrador até cogita fazer – mas algo que o cinde porque o passado (e o irmão mais novo) ainda o prende.

²⁴ LAUB. *O segundo tempo*, p. 96.

Trabalhos do luto

O narrador escolhera o irmão Bruno para ficar do lado dele ao invés de fugir para a praia como pensava que faria. Um ano depois da mudança do pai para Goiás, ele vem visitar o narrador e o irmão:

Foi por causa da opção por Bruno, que me obrigou a não mexer mais o passado, a não tentar consertá-lo, e por consequência eliminar qualquer chance de entendimento, qualquer possibilidade de perdão ou reencontro, que na churrascaria eu olhei para o pai, e lembrei da mãe, e até sorri e fiz caretas para Marcos consciente de que eu não tinha mais nada a ver com eles.²⁵

Apesar de dizer que não remexeria o passado, o narrador faz exatamente isso ao longo das páginas do livro. De certo se poderia conjecturar que a negação do passado aponta para uma direção oposta no romance: uma possibilidade de reencontro. Entretanto, esse processo não é de contemplar a unidade, mas de perceber, justamente, a fissura, a crise. Hugo Achugar, ao falar de um texto de José Joaquim Brunner, afirma que

Não é por acaso que Brunner mencione a família e a escola como um dos âmbitos onde as épocas de mudança produzem maiores efeitos, pois esses lugares representam, no nível do público e do privado, os âmbitos onde se processa e se constrói a memória; seja esta, respectivamente, a memória pessoal, a institucional ou a estatal. Um campo de batalha onde o presente debate o passado como uma forma de construir o futuro.²⁶

De alguma maneira podemos estender o que Achugar falar a respeito desse autor a *O segundo tempo*, de Laub. É entre espaços privados (a família) e públicos (encarnados no futebol e, principalmente, no estádio), ou seja, entre a memória individual e coletiva, que a memória do próprio narrador se debate.

De certa maneira seria interessante pensar o futebol no livro, mas não só no livro, como uma espécie de *próximos*, conforme Ricoeur,

²⁵ LAUB. *O segundo tempo*, p. 105.

²⁶ ACHUGAR. Ensaio sobre a nação no início do século XXI: breve introdução *in situ / ab situ*, p. 201.

cujo trajeto de atribuição da memória “corta transversal e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugabilidade quanto as relações sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento”.²⁷ Esses *próximos*, atuariam

como em círculos concêntricos que se abrem a partir de nosso eu individual, estariam, além da família consanguínea ou simbólica, a escola, a geração, a rua onde moramos e o nosso bairro, os grupos de sociabilidade, os amigos, o gênero, as idades da vida, as leituras e tantas outras mediações e instâncias.²⁸

Como anunciado desde o início do texto que certa literatura em que o futebol aparece como mote ou tema vincula os eixos família, nação e futebol. Assim, pode-se pensar que o futebol trabalharia exatamente como articulador tanto da memória individual (família) quanto da memória coletiva (nação). Nesse sentido, esse trabalho de memória, seguindo os passos de Achugar, é uma disputa, um campo de batalha, de um debate sobre o passado como um desejo de construção de um futuro.

Disse que retomaria as considerações de Marcelino sobre a derrota do Brasil diante da Alemanha em 2014. O pesquisador afirma que ali se abria espaço para uma renegociação da imagem que fazemos de nós, o que não deixa de ser um trabalho de memória e que perpassa, inclusive, o futebol, ainda mais se o entendemos como esse *próximos*. Cindido entre o passado e o futuro, o narrador de *O segundo tempo* conclui nas palavras finais do romance:

O que sei, e essa também é uma sensação nítida até hoje, é que eu já não tinha vontade de chorar como na noite anterior. Eu já não era capaz de sucumbir como na noite anterior. Eu não conseguia mais me deixar levar até a última lágrima, como fiz no escuro do quarto de hotel, Bruno dormindo ao meu lado até que o sono também me apanhasse, e me levasse para este limbo sem dilemas nem sustos, o presente opaco e eterno que sobreviveu ao jogo, ao domingo, a 1989 e a todos nós.²⁹

²⁷ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 141.

²⁸ NEVES. *Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória*, p. 29.

²⁹ LAUB. *O segundo tempo*, p. 112.

Não sei se é uma questão de perdão como Ricoeur aponta – “não pode haver perdão a não ser que se possa acusar alguém, presumi-lo ou declará-lo culpado”³⁰ –, mas de fazer o trabalho do luto. E esse processo não vai ser superado; é o que parece indicar *O segundo tempo*, sem o retorno ao próprio trauma.

Referências

ACHUGAR, Hugo. Ensaio sobre a nação no início do século XXI: breve introdução *in situ / ab situ*. In: _____. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 199-220.

ASSIS, Laura; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Narrando a queda: temporalidade e trauma em um romance de Michel Laub. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 57-62, 2013.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Who sings the Nation-State? Language, politics, belongings*. Londres, Nova York, Calcuta: Seagull Books, 2007.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. A “linguagem do futebol” segundo Pasolini: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 11, p. 175-203, dez. 2006.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Imagem e memória em torno de futebol e política no cinema. Belo Horizonte, [201-]. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/090530_Cornelsen%20-%20Imagem%20e%20Memoria%20em%20torno%20de%20Futebol%20e%20Politica%20no%20Cinema.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2016.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 7-17, dez. 2007.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *The problem of genesis in Husserl's philosophy*. Tradução de Marian Hobson. Chicago, Londres: Chicago University Press, 2003.

³⁰ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 267.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

HUSSERL, Edmund. *The crisis of European sciences and transcendental phenomenology: an introduction to phenomenological philosophy*. Tradução de David Carr. Evanston: Northwestern University Press, 1970.

LAUB, Michel. *O segundo tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo. A história e a cultura da memória. In: ALMEIDA, Maria Regina Celestino de *et. al. Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 21-33.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Desafinando a metáfora da nação. In: _____. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014. p. 263-272.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. O que foi feito do país do futebol? In: _____. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014. p. 285-288.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.